



Director literario:

António de Sampaio
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

OS ANOS da AVÓZINHA

POR DINETTE

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



JULIETA era uma menina amimada, voluntariosa, que não deixava nunca de fazer a sua vontade.

Vivia num lindo palacete; cercado de jardins, onde passava a maior parte do seu tempo a brincar.

Os pais eram bons de mais; era filha única, e, talvez por isso mesmo, para ela iam todos os seus carinhos e amor.

A velha avózinha, com a sua cabeça toda branca e curvada

pela idade, não tinha outra alegria que não fosse amimá-la, acariciá-la e enchê-la de presentes.

Julietta tinha dez anos; era inteligente e no fundo tinha bom coração, mas, em vez de apreciar a felicidade que possuía e de fazer todo o possível para a retribuir, era sêca e impertinente.

Habituada a mandar, queria que todos se curvassem à sua vontade; cheia de mimos, tornava-se, dia a dia, mais exigente.

Um dia, a avó fazia anos. Logo desde manhã a azáfama era enorme para prepararem um grande jantar, onde se deviam reunir todos os filhos e netos.

Na sala de jantar, a mesa, engrinaldada, estava cheia de cristais e porcelanas, dispostas artisticamente pela mãe de Julieta, que andava contentíssima, fazendo os preparativos da festa que enchia sempre de alegria a boa avózinha.

Só Julieta continuava no jardim, alheia a tudo, percorrendo no tricicle as ruas areadas.

Depois do almoço, vieram os primos dar os parabens à santa velhinha e oferecer-lhe os seus presentes.

Luiz trazia-lhe um dedal de aço, reluzente e muito bem embrulhado num papel de seda, que comprara com tudo o que possuía ao sair do liceu.

Francisco, êsse era mais rico, uma caixinha de lenços com as iniciais dela bordados.

Margarida, que tinha seis anos, um braçado de rosas que ela própria tinha colhido de manhã, no seu jardim, e que entregou ufana, cõscia de que a sua prenda seria a mais apreciada.

Emfim, depois de terem beijado a avózinha e de cumprimentarem os tios, foram ter com a endiabrada Julieta que continuava sempre a correr no tricicle.

Julietta gostava dos primos, mas era egoísta e nem sempre queria compartilhar das suas brincadeiras. Quasi sempre, ao vê-los chegar, tinha qualquer troça para lhes dizer, mas, nesse dia, acolheu-os com o seu melhor sorriso.

Espírito de acção, destinou logo a brincadeira, e, daí a minutos, corriam azafamados a brincar aos polícias e ladrões.

Já se vê que ela era ladrão, pois tinha de correr e esconder-se e ela adorava os exercícios violentos, e, Francisco e Margarida eram os polícias; êle porque era muito ajuizado e não a maguaria; e ela porque, como era pequenita, nunca mais a agarraria.

Jogaram assim muito tempo em boa harmonia até que Julieta, irritada com Margarida, por esta nunca a agarrar, principiou a zangar-se.



—E's a creatura mais parva que eu conheço. Vê se mexes os pés, mona? Daqui a nada ponho-te fóra do jogo.

Margarida corria o mais que lhe era possível, mas tinha só seis anos e não podia competir com ela.

Julietta, irritada, chegou-se ao pé da pequenita, e, sem cerimónia, deu-lhe uma bofetada.

Francisco perdeu a cabeça e correu para lhe bater, enquanto Luiz tentava consolá-la e fazê-la calar à força de beijos e de festas.

Mas Julieta tinha as pernas rijas e Francisco pensava já em desistir, quando esta lhe gritou:

—Anda lá, cobardão, mostra-me as tuas valentias. Parece mesmo um galicho da Índia, com os teus ares provocantes. Agarra-me se és capaz?!

E deitou a correr em direcção ao lago.

Francisco, que pensava já em deixá-la entregue às suas maldades, tomou novas forças no insulto recebido e jurou ensiná-la.

Mas não tinha previsto as idéas endiabradas que se acumulavam sempre no cérebro da prima, e, ao chegar quasi junto dela, sentiu a partida perdida.

Julietta, empunhando uma agulheta, deu-lhe um banho terrível.

Francisco era bom, mas desta vez vingou-se, agarrando a prima, apesar dos seus gritos e opposição, ferrou-lhe os quatro açotes mais valentes, que ela jamais tinha recebido.

Nessa altura a mãe acorria já, pressurosa, em auxílio da filha.

Ao vê-la toda em lágrimas e cheia de raiva, afagou-a, acariciou-a, sem procurar indagar a verdade e excomungou a idéa de ter convidado os sobrinhos para o jantar.

Francisco, já arrependido do seu procedimento, foi sentar-se a ver estampas junto da avó, que, nesse momento, contava uma história a Margarida e Luiz.

Passou-se assim o resto da tarde até à hora do jantar.

Vieram os tios, veio o pai e Julieta, fechada no seu quarto, planeava uma vingança.

Veiu a hora de jantar e todos tomaram o lugar à mesa. Julieta fez questão com o lugar; quiz forçosamente ficar junto da avó, e, por fim, conseguiu-o.

Punha os cotovêlos na meza, metia-se nas conversas das pessoas crescidas, queria ser a primeira a ser servida, em fim, foi, todo o tempo que durou o jantar, insuportável.

Os tios olhavam-se encolerizados ao sentirem-se desrespeitados e ufanos por terem uns filhos muito diferentes dela, pois tanto Francisco como Luiz se portavam como uns homenzinhos e até Margarida, apesar dos seus seis anos, dava gosto vê-la.

Mas os pais estavam cegos por ela, e a avó era toda benevolência. Julieta continuava a ser mal educada e imperitente.

Por duas vezes entornou o copo cheio de água pela mesa e, de vez em quando, atirava bolas de pão à cara dos primos e até dos tios, que ou se riam constringidos ou fingiam não a ver.

Era uma scêna humilhante ver os pais constantemente interrompidos quando falavam, desmentidos por aquela endiabrada e curvarem-se a todos os seus caprichos, sem protestarem.

As saúdes, quiz por força beber «champagné» e fez a sua vontade.

Enquanto os tios falavam, troçava-os e imitava-os e os pais, em vez de a castigarem, riam e faziam-lhe festas.

Depois do jantar as pessoas crescidas foram para a sala, tocar e conversar, e os pequenos, como era costume, ficaram a brincar num quarto destinado a isso a que a «misse» chamava «nursery». Ah, tinha Julieta os seus brinquedos: alguns de alto preço mas todos desarrumados e estropiados.

Bonecas enormes, misturavam-se com soldados de chumbo, automóveis e mobílias.

Sobre uma mēsa estavam os livros de estudo, todos rôtos e cheios de borrões, misturados com os livros de histórias, a que faltavam quasi todas as páginas e muito mal tratados.

Francisco olhava admirado aquela desarrumação, comparando-a interiormente ao seu quarto, tão bem arranjado, tão cheio de ordem e de limpeza.

Julietta tinha qualquer plano, pois parecia ter esquecido a scêna do jardim e brincava complacientemente às guerras com os soldados de chumbo, um forte e

peças de artilharia. Luiz estava encantado e divertia-se imenso.

Margarida, estava nas suas sete quintas a arrumar a mobília das bonecas e a embalar um imenso «bébé», de malha de sêda, nos seus braços pequeninos.

Só Francisco desconfiava de tanta bondade e se entretinha a ver os livros de histórias mal tratados, mas, no entanto, muito bonitas.

Julietta já farta de estar quieta propoz a Margarida levá-la ao seu quarto para lhe mostrar uma nova boneca.

Luiz entusiasmado com os soldados nem se mexeu e Francisco lia absorvido um conto de fadas.

Julietta ia vingar-se. Fora por causa de Margarida que o primo lhe batera, pois era ela que pagaria tudo. Com palavras carinhosas ia-a entusiasmando com a boneca, e a pequenita cheia de interesse e de alegria deixava-se guiar confiadamente.

Chegando ao quarto, fingiu lembrar-se que a boneca não estava ali e levou-a a um quarto muito afastado onde haviam quatro guarda vestidos muito grandes.

Convenceu Margarida a deixar-se meter num dêles, para fazer uma surpresa à boneca e esta, na melhor bôa fé, consentiu.

Mal a viu lá dentro, muito contente, Julieta fechou-a à chave e apagou a luz.

Fechou-lhe a porta do quarto e, escondendo-a, foi ter com os primos.

Francisco deu por falta da irmã e perguntou-lhe:

—Onde está a Guida?

Julietta respondeu, muito naturalmente:

—Ficou no meu quarto a brincar.

E continuou a distrair Luiz, fazendo uma batalha.

O tempo ia passando e Margarida sem vir, Francisco intrigado e já assustado, tornou a perguntar:

—Tens a certeza que a Guida esteja no teu quarto, Julieta? E se fôssemos lá vêr?

Julietta riu e não respondeu logó.

—Onde queres que ela esteja? Só se foi para a sala!

Luiz, ao ver o primo inquieto, levantou-se e foi com êle à sala.

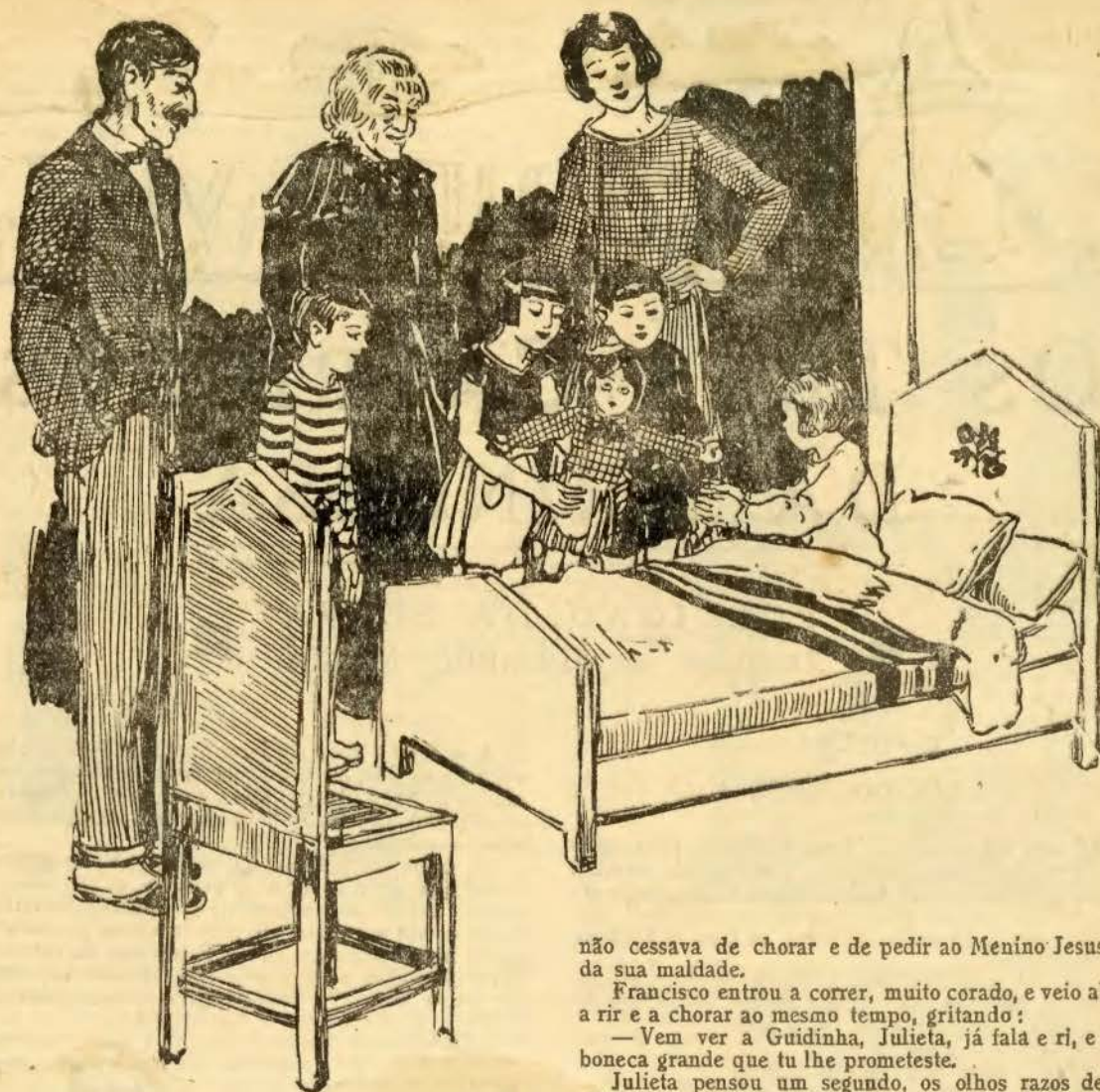
Os pais disseram-lhes que fossem brincar e procurassem a pequenita.

Eles correram a casa toda e a Guida... nada! Por fim, já muito assustados, foram dizer aos pais os seus receios.

Imediatamente os pais de Francisco, alarmados, correram á «nursery» onde Julieta brincava plácida e contentíssima interiormente com a partida feita aos tios com quem embirrava por serem muito serenos.

Ao perguntarem-lhe por Margarida, fingiu-se admirada e contou-lhes o mesmo que tinha contado a Francisco.





Agora, até a velha avôzinha procurava Guida pelas casas todas.

No fim de muito tempo, a mãe da pequenina lavada em lágrimas e todos muito aflitos, já não sabiam o que fazer. O pai de Julieta então lembrou.

— E se fossemos ao quarto de arrumações!?

Era aí que estavam os guarda-fatos.

Entraram todos anciosos, e imediatamente lhes atraíu a vista um sapatinho de Guida que tinha caído ao subir para o guarda-vestidos.

Abri-lo, foi um momento para o angustiado pai.

Mas um espectáculo terrível gelou todos de horror.

Guida, roxa, os olhos muito abertos, apenas respirava, quasi morta pela asfixia.

Todos os olhares se voltaram para Julieta que nunca su-puzera acabar tão mal a sua brincadeira.

Esta sentia toda a extensão da sua culpa nos olhos angustiados da mãe e no horror que leu no rosto crispado de seu pai sempre tão benevolente mesmo até para as suas travessuras.

Toda a tremer, e cheia de aflicção pedia fervorosamente a Deus que a prima não estivesse morta e um grande arrependimento encheu-lhe a alma, até aí, quasi inacessível aos bons sentimentos.

Passou uma noite aflitissima enquanto os primos e as tias choravam, a velha avôzinha rezava e os pais andavam nos bicos dos pés dum lado para o outro, com o doutor Nobre que a tinha visto nascer e que era de todos lá de casa mais amigo do que médico.

Chegou a manhã e Julieta não tinha pegado no sono; no seu quarto branco, sôzinha, cheia de terror e de anciedade,

não cessava de chorar e de pedir ao Menino Jesus perdão da sua maldade.

Francisco entrou a correr, muito corado, e veio abraçá-la a rir e a chorar ao mesmo tempo, gritando:

— Vem ver a Guidinha, Julieta, já fala e ri, e quer a boneca grande que tu lhe prometeste.

Julieta pensou um segundo, os olhos razos de água e cheia de reconhecimento pois percebeu o perdão de Deus no pedido da priminha.

Depois, pegando no chapéu, pô-lo na cabeça, foi à gaveta do seu côfrezinho e, tirando a carteira nova e pegando na mão de Francisco, pediu quasi a chorar:

— O' Chiquinho se tu viesses comigo, aqui ao lado à casa dos brinquedos! E' o teu perdão?

Francisco beijou-a e foi com ela.

Julieta entrou. Viu a linda boneca de çamurça que há tanto tempo invejara e para comprar a qual a avôzinha tinha dado já o dinheiro no dia dos seus anos, e, sem hesitar, comprou-a e levou-a ao colo.

Ao entrar no quarto em que estava Margarida, rodeada por todos, ia cheia de alegria e de vergonha.

Foi, muita calada, pô-la junto da prima, e só quando esta batenda as palmas de alegria lhe perguntou se era aquela, Julieta respondeu baixinho:

— E' para ti. Foi um presente que te mandou o Menino Jesus!

A sua boa acção foi louvada por todos que lhe perdoaram a partida e a encorajaram a ser, daí em diante, boa.

Realmente Julieta emendou-se. Desde que fez a sua primeira comunhão, tornou-se numa menina adorável e estudiosa, que é o orgulho dos pais e a alegria de todos.

Podem vir, sem receio, os anos da avôzinha que nada há a temer do seu bom coração.

F I M



OS TRÊS CAPRICHOS DA PRINCESA

POR JOAO DA SELVA
Desenhos de EDUARDO MALTA

CAPÍTULO I

A VOZ DOS SINOS

ERA uma vez um rei que tinha uma única filha, princesa de grande formosura e habilidosas prendas. Sentindo-se já velho, todo o seu empenho era casá-la com um dos príncipes, seus sobrinhos, para assim assegurar a sucessão ao trono, na falta de herdeiro directo masculino.

Os príncipes eram três belos e valentes rapazes de quem a princesa se mostrava muito amiga, embora pouco desejosa de escolher qualquer deles para marido, satisfazendo a vontade do pai.

De cada vez dava uma desculpa diferente para as suas recusas e o rei foi perdendo, pouco a pouco, a esperança de a ver casada.

O povo, contudo, começou a murmurar que não podia viver o reino assim, sem herdeiro da coroa, à mercê de qualquer príncipe estranho ambicioso, que viesse usurpar o poder, por morte do velho soberano.

Este resolveu-se, então, a falar mais severamente à filha, ordenando-lhe que escolhesse sem demora, entre os três primos, aquele que preferia para marido.

A princesa respondeu que estava disposta a casar e tanto que preparava já o seu enxoval onde apenas faltavam três coisas: o vestido, o véu e o anel.

— Tudo isso se arranja facilmente, — respondeu o rei. — Tanto na corte, como por todo o reino, abundam tecedeiras, costureiras e bordadoras habilíssimas para as duas primeiras coisas e primorosos ourives para a terceira.

— Não fazem nada a meu gosto, — replicou a princesa. — Hoje de manhã, muito cedo, chegaram aos meus ouvidos os sons de sinos distantes que me falaram de três maravilhosos países donde virão essas três coisas de que preciso.

O rei, supondo que a filha inventava novos pretextos para se escapar ao casamento, zangou-se muito e declarou-lhe que, desta vez, não se sentia disposto a fazer-lhe a vontade. Havia de casar imediatamente e portanto escolhesse o noivo sem demora.

A princesa jurou obedecer a seu pai, logo que lhe trouxessem o vestido, o véu e o anel dos países longínquos donde vieram as badaladas dos sinos, e o rei desconfiando que ela tivesse endoidecido, saiu desesperado da sala e foi contar tudo aos sobrinhos.

Os príncipes pediram ao rei que se não afligisse, pois iriam eles próprios falar à prima e, se não conseguissem fazê-la desistir do seu desvairado propósito, tentariam descobrir donde viera a tal voz dos sinos e em que maravilhosos países se encontrariam as três coisas que ela desejava; mas tanto os sobrinhos como o tio desconfiavam que a princesa, ou estava louca ou continuava a inventar pretextos para





não casar. O príncipe mais velho foi o primeiro a perguntar à princesa de que lado viera a voz dos sinos.

— Ouvi a primeira voz para aquele lado, — respondeu ela, apontando para o sul. — Parecia vir de muito longe, do fim do mundo e dizer assim: *Princesa, não te cases sem o teu lindo vestido de luar, bordado a folhas de rosa e flocos doirados de açucena. Não te cases, Princesa! O teu noivo que venha buscar o vestido!*

O príncipe riu-se, convencido de que tudo aquilo fóra um sonho e foi-se embora sem esperanças de casar com a sua linda prima.

Veio o segundo príncipe e fez as mesmas perguntas.

— A segunda voz — respondeu a princesa, apontando para o norte, — chegou aos meus ouvidos, vinda dali. O sino, muito triste, dizia assim: — *Princesa, não te cases sem o teu véu, tecido com fios das névoas de verão e bordado a pérolas de orvalho. Não te cases, Princesa! Quem te quiser para mulher, venha buscar o véu!*

O príncipe não ficou menos desconsolado do que o irmão, nem menos suspeito de que a prima não estivesse em seu perfeito juízo. Pediu-lhe, então, que lhe mostrasse todos os seus vestidos para fazer uma idéa das coisas preciosas que seria preciso arranjar se quisesse merecê-la como mulher.

A princesa riu-se e disse ao primo:

— Tenho muitos e lindos vestidos e véus no meu enxoval, mas coisa alguma que se assemelhe a esse que quero para o dia do meu noivado.

Uma aia trouxe então o guarda-roupa completo e foi desdobrando e estendendo diante do príncipe maravilhado, aquelas obras primas de riqueza e bom gosto. Alguns vestidos e véus a própria princesa tecera, cosera e bordára com as suas mãozinhas cheias de anéis e não eram esses os menos belos e ricos.

O primo pasmára diante daquelas preciosidades e desanimára com a idéa de que seria forçoso arranjar ainda melhor. Na sua qualidade de homem e de guerreiro, não compreendia as exigências exageradas da prima.

— E se eu fosse capaz de encontrar essas maravilhas que

desejas? — perguntou êle. — Aceitar-me-ias para teu marido?

— Sim, respondeu a princesa, — mas achá-las todas três será trabalho demais para um só homem. Os príncipes, teus irmãos, que se encarreguem de duas e eu casarei com o primeiro que voltar, pois êsse terá provado que me quer mais.

O segundo príncipe foi logo falar com os outros dois e, como todos faziam o maior empenho em casar com a prima, combinaram partir imediatamente em procura das três coisas maravilhosas que ela exigia como condição.

O rei, supondo-a doida varrida, quis dissuadir os sobrinhos de emprenderem essas aventureosas e inúteis viagens, mas os rapazes insistiram no seu propósito, logo que o mais novo, falando também com a princesa, soube de que lado viera a voz do terceiro sino.

— Foi do lado donde nasce o sol — respondeu a filha do rei. — Essa voz, ainda mais triste e afastada do que as outras, disse-me assim:

— *Princesa, não te cases, sem o teu lindo anel de noivado feito do ouro do sol, que dá saúde e alegria! Não te cases, Princesa! Quem te quiser, venha buscar o anel!*

CAPÍTULO II

O JARDIM DO LUAR

Emfim, tudo isto parecia sonho, ou ilusão de cabeça desvairada, mas os príncipes, no seu grande empenho em merecer a preferência da princesa, lá partiram à aventura.

O mais velho, encarregando-se de procurar o vestido, caminhou sempre em direcção do sul e assim percorreu vários países, alguns que já conhecia, outros de que nunca ouvira mesmo falar, pois nêsse tempo, o mundo estava ainda por descobrir na sua maior parte.

Foi perguntando a quem encontrava, onde seria a terra maravilhosa dos tecidos de luar e rosas destolhadas, mas toda a gente se ria dêle, supondo-o doido.

(Continúa na página 8)

Bébé tem razão

Por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de EDUARDO MALTA

-- O' Mamã,
vamos brincar
ao jôgo das escondidas?
Eu levo as cordas compridas,
p'ra depois irmos saltar...
Anda, Mamã,
vem brincar...
senão eu faço beicinho...

-- ¡Anh?!...
que dizes tu, filhinho?!...
¡Eu, brincar
Como um «bébé»?...
...Mas o menino não vê
que eu já não devo saltar?!...

-- ...Amh... Amh... Amh...
Anda, Mamã...
vem comigo ao esconde-esconde,
ali... além,
onde
nós,
e a tia
Guia
também,
merendamos outro dia...
Anda, que o menino quer'...
Vais tu à frente, eu depois...
vamos os dois
a correr...

-- O' menino!
¡Que rabino!
Que ideia
feia
que tem!...
¡Uma Mamã a pular?
a saltar?
-- não acho bem!

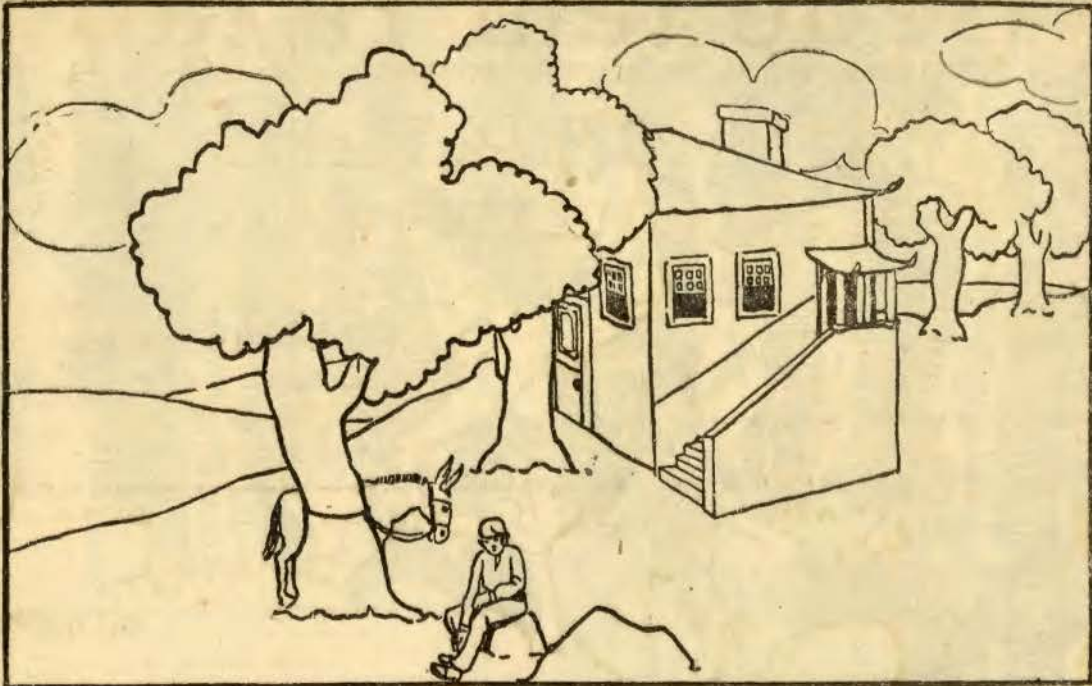
Não te disse isto por mal...
...Eu julgo que és pequenina,
menina,
-- como se vê...
-- ¡A saínha p'lo joelho...
e o cabelinho cortado!...
cortado
como o «Bébé»...

F I M



-- ...Mas... Mamãzinha... afinal,

DESENHO PARA COLORIR



O presente desenho deve ser colorido a aguarela ou a lápis de côr. O emprego das respectivas côres fica ao gosto e critério dos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum!»

Colaboração infantil



Decifração das duas últimas

ADIVINHAS

- 1 — Agulha.
- 2 — O nosso endiabrado Pim.

MEUS MENINOS:

Este gigante, mais feio que um Papão, está a dlzer a um menino, em frente dêle, que a sua vontade era engolir-lo vivo. Vejam se o descobrem.



OS TRÊS CAPRICHOS DA PRINCESA

(Continuado da pág. 8)

Por fim um velho, muito velho, apontou-lhe ainda mais para o sul e disse-lhe existir ali, para aqueles lados um país esquisito donde se não voltava mais. Podia ser que se fabricassem lá êsses tecidos extraordinários, mas aconselhava-o a não se aventurar.

O príncipe não atendeu êste conselho e brêvemente chegou a uma região encantadora onde tudo falava e se não ria, a princípio, ninguém.

O viajante aproximando-se duma fonte para beber e refrescar-se, ficou admirado, ouvindo a água perguntar-lhe:

— Onde vais, cavaleiro?

— Vou procurar o vestido de noivado da minha noiva, — respondeu o príncipe.

— Tecido com raios de luar e bordado a folhas de rosa? — tornou a fonte.

— Sim.

— Então, vai seguindo êste ribeirão da minha água e chegarás ao jardim da Fada do Luar, senhora dêste reino.

O cavaleiro foi seguindo o ribeirão e entrou no maravilhoso jardim ao anoitecer.

As árvores estavam carregadas de flores e ao mesmo tempo de frutos apetitosos e desconhecidos, que o príncipe principiou a comer, achando cada um mais a seu gosto do que os outros.

Já noite, deitou-se num banco de musgo fôfo dentro dum caramanchão de roseiras e, como estava muito cansado, adormeceu profundamente.

Quando acordou, nasceu a lua e à sua claridade, uma linda mulher, tecia com fios luminosos uma teia diáfana. Acabada a teia, desfolhou por cima uma mão cheias de rosas e de flocos dourados de açucenas. O viajante aproximou-se e viu um tecido como decerto a princesa não sonhara mais belo. Entrelaçadas nos fios de prata, as pétalas das rosas formavam caprichosos desenhos e brilhavam aqui e ali como joias, os coraçõezinhos de ouro das açucenas.

— Linda Fada do Luar, — disse o príncipe, — dê-me essa teia para o vestido da minha noiva?

A fada sorriu-lhe, não parecendo surpreendida com a

sua presença e convidou-o a acompanhá-la para ver tecidos semelhantes feitos por suas mãos.

O príncipe aceitou o convite e foi admirando as obras da fada, maravilhas iguais à primeira e algumas ainda superiores. Havia veludos feitos das pétalas dos amores perfeitos, setins das peonias, brocados do ouro pálido das boas-noites, flores queridas da lua, enfim, um deslumbramento de sonho.

A fada disse-lhe: — Escolhe!

Mas a escolha estava feita pela própria noiva: era aquele tecido de luar, bordado a folhas de rosa e flocos dourados de açucenas.

— Levarei êsse, se m'o dás — concluiu o príncipe.

— Sim, — respondeu a Fada do Luar, — mas antes de te irs embora, quero que ceies no meu palácio e conheças as fadas que me servem.

A Fada Rainha conduziu o viajante a um palácio muito lindo, onde uma multidão de fadas inferiores formavam a corte da mais poderosa e deu-lhe uma ceia delicada à qual assistiram muitos príncipes e fidalgos de vários países ali hospedados.

Ao fim da ceia, a Fada do Luar mandou vir uma taça de ouro cheia de água, perfumada e pediu ao príncipe que bebesse. Era a *Água do Esquecimento* e, tão depressa êle a bebeu, nunca mais se lembrou da sua vida passada, nem mesmo da linda princesa por amor de quem viera tão longe.

Ali ficou com a Rainha do Luar, servido pelas fadas, suas damas e aias e não pensou em regressar ao seu país que, para êle, não existia já.

Eram bailes, músicas, passeios, pratos delicados à mesa, tudo enfim que pode tornar um homem feliz e o príncipe foi-o, como nunca o tinha sido até então.

CONTINUA NO
PRÓXIMO
NÚMERO